

## RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA NA OFICINA “ESTÉTICA NEGRA: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA”

Cleiziane dos Santos de Medeiros <sup>1</sup>  
Maria Antônia Veiga Adrião <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar a importância do Programa de Residência Pedagógica para a formação dos universitários das licenciaturas e como ele pode ser um aliado importante no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Neste sentido, partiremos de um relato de experiência a partir do subprojeto de História, no qual é voltado para o desenvolvimento da leitura e escrita, tendo em vista isso ministramos uma oficina “Estética negra: Uma história de resistência” para os alunos dos 3º anos da Escola de Ensino em Tempo Integral Monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes. Aproveitamos a data que celebra o “Dia da Consciência Negra” para propor discussões sobre a importância da estética – dos adereços, da vestimenta – como uma forma de resistência por parte da comunidade negra no Brasil. Dessa forma, observamos em relação aos alunos uma estética negra muito empoderada, demonstrando, assim, uma forma de resistência e de reafirmação de seus traços, mesmo que talvez de forma inconsciente quanto a dimensão política deste ato. Percebemos ainda a importância dessas discussões propostas através de iniciativas dos bolsistas da Residência Pedagógica, uma vez que reafirma a importância de uma educação social, política e cultural dos alunos, tornando-os pessoas críticas e que debatem a sociedade a qual eles estão inseridos.

**Palavras-chave:** Residência Pedagógica, Resistência, Estética negra, Leitura e escrita.

### INTRODUÇÃO

Durante os primeiros meses de pesquisa na escola Monsenhor José Gerardo à qual estamos como bolsistas-Capes, Residentes do Programa de Residência Pedagógica da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) através do Subprojeto de História para observar as maneiras de a escola e os professores trabalharem a “Leitura Histórica e Crítica da Palavra”, e para isto, valia observar linguagens como gestos, modos, comportamentos, seguindo a orientação que recebemos. E assim, como os alunos em sua maioria negros, e não estamos querendo dizer que esse contingente se identificasse com sua negritude de forma consciente, porém, esses discentes traziam consigo vestígios e traços de uma estética negra bem-empoderada, demonstrando atitudes “afirmativas” de se colocarem no mundo, da

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Bolsista do Programa de Residência Pedagógica CAPES, [cleizianemedeiros1997@gmail.com](mailto:cleizianemedeiros1997@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), [mavaadri@hotmail.com](mailto:mavaadri@hotmail.com).

importância do indivíduo negro na sociedade, mesmo que de forma inconsciente da dimensão política deste ato.

Dito isto, aproveitamos o convite feito pela escola e participamos da “Semana da Consciência Negra” ministrando a oficina: “Estética negra: Uma história de resistência” com os alunos dos 3º anos do ensino médio, tendo como objetivo proporcionar aos estudantes o reconhecimento das formas mais sutis pelas quais o racismo pode se manifestar na sociedade, através da aversão ou rejeição aos fenótipos negros, assim como perceber de que forma os elementos da cultura negra estão presentes em nosso cotidiano e são utilizados sem consciência histórica quanto aos seus reais significados para os povos que os produziram.

Além das reflexões a partir de como os jovens percebiam/interpretavam essa questão, solicitamos uma atividade que teve por objetivo observar suas expressões escritas acerca do tema. Desta forma, percebendo como a valorização dos traços e adereços estéticos se constituem em uma forma de resistência para a população negra em uma sociedade ainda muito racista e preconceituosa que repudia todos aqueles que fogem dos “padrões” impostos por ela. No que se refere a metodologia por nós adotada, iniciamos a atividade com alguns questionamentos aos alunos, para que através de suas respostas pudéssemos compreender o nível de entendimento deles quanto ao assunto que foi trabalhado e assim iniciar o debate que abordou pontos como a desvalorização dos fenótipos negros que são geralmente marcados pelo “não belo” em nossa sociedade.

Falamos também sobre as formas sutis pelas quais o racismo se manifesta em nosso país, analisando algumas propagandas publicitárias que acabam por expor implícita ou explicitamente, uma visão de desvalorização dos corpos e traços negros e também disseminando estereótipos. Seguimos nosso debate abordando a questão da chamada “apropriação cultural”, e fechamos a discussão ressaltado a importância da aceitação, reconhecimento, valorização e respeito aos traços negros como uma forma de resistência e de recuperação das raízes culturais do povo afro-brasileiro.

Assim, o último momento da oficina consistiu na elaboração de *fanzines* sobre os temas discutidos. Através dessas produções dos discentes e da forma como participaram, pudemos avaliar o nível de escrita e compreensão dos alunos quanto ao tema abordado, bem como, que o ensino de História trabalhado de forma interdisciplinar, porque a atividade foi pensada com Filosofia, pode se tornar mais atrativo para os estudantes e mais reflexivo para os professores que têm a oportunidade unir teoria à prática.

## METODOLOGIA

A partir da proposta feita pela escola Monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes aos oitos residentes do Programa de Residência Pedagógica nos dividimos em duas equipes e uma dupla, com o intuito de contemplar todas as turmas da escola com atividades desenvolvidas pela Residência Pedagógica de História. Tendo em vista isso, surgiu a oficina “Estética negra: uma história de resistência” idealizada e ministrada pelas residentes Cleiziane dos Santos de Medeiros, Maria Teresa Paiva de Lima e Milena Policarpo Carvalho.

Durante três encontros reunindo as três ministrantes da oficina com o objetivo de discutir e planejar como a oficina iria ocorrer, decidimos começar a atividade com alguns questionamentos direcionados aos alunos, para que através de suas respostas possamos compreender o nível de entendimento deles quanto ao assunto que será abordado. Questionando sobre o que é o racismo e também sobre a concepção deles de quais características tornam uma pessoa bonita esteticamente.

A partir daí, iniciaremos uma discussão sobre como os fenótipos negros são desvalorizados e marcados pelo “não belo” em nossa sociedade, sendo também uma das formas mais sutis de racismo. Em seguida, discutindo sobre outras formas sutis pelas quais o racismo se manifesta em nosso país, analisando algumas propagandas publicitárias que iremos exibir por meio de um *Datashow*, que acabam por expor implícita ou explicitamente, uma visão de desvalorização dos corpos e traços negros e também disseminando estereótipos.

Em seguida, discutiremos sobre como, em contrapartida a essa desvalorização dos traços negros, está o uso de elementos estéticos e culturais que possuem significados para as etnias afro-americanas, por pessoas que não tem uma ligação com estas etnias e não sabem o significado e a importância daquilo que estão utilizando. A chamada “apropriação cultural”, que vem sendo muito discutida recentemente e que cabe debatermos e entendermos melhor a relevância do tema. Para isso, traremos alguns objetos que são alvo destas questões, como por exemplo, o turbante, o colar de búzios, além de fotos de alguns penteados e adereços característicos da cultura africana e que estão se popularizando hoje.

Por fim, discutiremos sobre a importância da aceitação, reconhecimento, valorização e respeito aos traços negros como uma forma de resistência desses povos e da recuperação de suas raízes culturais. Passando em seguida para o último momento da oficina que consiste em elaborar *fanzines* juntamente com os alunos sobre um dos temas discutidos.

Os *fanzines* produzidos pelos alunos não serão obrigatoriamente feitos somente com colagens, pretendemos que fiquem livres para que também possam escrever em suas

produções sobre aquilo que compreenderam e que desejam nos repassar. Dessa forma, posteriormente poderemos avaliar o nível de escrita e compreensão dos alunos quanto ao tema abordado, e isso servirá aos objetivos ao qual temos com nossa atuação no ambiente escolar, como residentes do Subprojeto de História da Residência Pedagógica Capes/UVA, em vista de que estamos investigando as formas de leitura, escrita e interpretação textual, ou da leitura histórica e crítica da palavra, desta feita racismo, e este momento sem dúvida foi importante para cumprirmos com esse objetivo.

Recursos utilizados: Material para projeção das imagens (*notebook* e *Datashow*), revistas velhas para recorte, folhas A4, tesouras e cola. Tudo fornecido pela escola.

## DESENVOLVIMENTO

Ser residente, no programa de Residência Pedagógica é se fazer presente no universo escolar, um universo complexo e desafiador, onde o indivíduo, tem a possibilidade e a oportunidade de conhecer de perto o outro lado do sistema educacional, o que não pode ser somente explicado e sim vivido, experimentado e conquistado.

Com a necessidade de se construir novos saberes a respeito do que é a escola nos dias atuais, surgiu o programa de Residência Pedagógica, nas licenciaturas das Universidades pelo Brasil, com o intuito de proporcionar ao aluno universitário a oportunidade de conhecer de perto o espaço escolar e adquirir novos saberes e experiências ao longo de sua formação acadêmica, experiências estas que vão muito além das adquiridas nos estágios obrigatórios realizados no decorrer do curso. A Residência Pedagógica proporciona aos discentes momentos diversos dentro do ambiente escolar, onde o mesmo tem a oportunidade de acompanhando o crescimento e desenvolvimento do aluno com indivíduo e cidadão.

A escola, vista do ponto de vista social é o primeiro lugar onde muitos indivíduos adquirem seus primeiros conhecimentos de mundo e sociedade, é o espaço onde se inicia os primeiros saberes acadêmicos na vida de um indivíduo, como a alfabetização e a difusão das primeiras letras.

Segundo Paulo Freire (2000) não há como alfabetizar sem a participação cidadã e sem a compreensão do mundo cultural e social, pois é a partir dessa compreensão que nos tornamos cada vez mais seres humanos e sujeitos atuantes na sociedade. Emília Ferreiro (1996) fortalece essa ideia afirmando que os processos de alfabetização ocorrem fundamentalmente enquanto práticas sociais, e suas práticas ocorrem sempre entre sujeitos contextualizados em um ambiente social, visão essa dedicada por alguns autores contemporâneos sobre Letramento. Magda Soares (1998) afirma que só enquanto prática social é que os processos de leitura e escrita vão deixar de ser mero formalismo técnico. (SANTOS, 2010, p. 15)

Nessa perspectiva, entende-se que a alfabetização é um processo construído em conjunto com a comunidade, assim, “a educação é entendida como elemento constitutivo e constituinte das relações sociais mais amplas, contribuindo, contraditoriamente, desse modo, para a transformação e a manutenção dessas relações” (DOURADO; OLIVEIRA, 2009, p. 203). Porém o espaço escolar pode se mostrar um ambiente bastante cruel para aqueles que por diversos motivos não se encaixam nos “padrões” impostos pela sociedade.

A Residência Pedagógica busca através das atividades educacionais desenvolvidas pelos residentes no ambiente escolar acrescentar novas perspectivas a respeito da educação brasileira, buscando pertinentemente transmitir uma educação mais igualitária e de qualidade para todos.

Entende-se que a educação brasileira precisa se desenvolver bastante para atingir tal objetivo, tão utópico se consideramos a situação precária da educação brasileira nos dias atuais, que enfrenta grande descaso e desinteresse por grande parte dos governantes do país. “A legislação brasileira no campo educacional, com destaque para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e para o Plano Nacional da Educação (PNE), revela a importância da definição de padrões de qualidade de ensino” (DOURADO; OLIVEIRA, 2009, p. 206). Contudo, a realidade é outra, completamente diferente na qual a educação diverge em diferentes facetas e apresentam inúmeras dificuldades para desenvolver um padrão único de atividades, com a mesma qualidade e desempenho.

Nesse sentido, sem sinalizar a adoção ou não de um padrão único de qualidade, entende-se que é fundamental estabelecer a definição de dimensões, fatores e condições de qualidade a serem considerados como referência analítica e política no tocante à melhoria do processo educativo e, também, à consolidação de mecanismos de controle social da produção, à implantação e monitoramento de políticas educacionais e de seus resultados, visando produzir uma escola de qualidade socialmente referenciada. (DOURADO; OLIVEIRA, 2009, p.207)

Atualmente a escola não se configura somente como uma instituição formadora de saberes escolares, neste espaço também são formados saberes culturais e sociais. De acordo com Nilma Lino Gomes em seu artigo *Trajatórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?*:

alguns estudiosos do campo da cultura e educação têm destacando o peso da cultura escolar no processo de construção das identidades sociais, enfatizando a escola como mais um espaço presente na construção do complexo processo de humanização (Arroyo, 2000; Bruner, 2001). (GOMES, 2002, p. 40)

Desta forma, a escola também se torna um espaço de partilha de valores, crenças e hábitos, assim como também de preconceitos raciais, de gênero ou de classe. A representação

dos negros nos livros didáticos, as relações raciais e o silêncio em volta dessas questões dentro das escolas são temas que vem sendo trabalhados com mais atenção na produção teórica educacional, porém, como defende Gomes,

[...] apesar desses avanços, ainda nos falta equacionar alguns aspectos e compreender as muitas nuances que envolvem a questão racial na escola, destacando os mitos, as representações e os valores, em suma, as formas simbólicas por meio das quais homens e mulheres, crianças, jovens e adultos negros constroem a sua identidade dentro e fora do ambiente escolar. (GOMES, 2002, p. 40)

Infelizmente, nem sempre conseguimos dar a devida atenção a essas dimensões simbólicas, e quando damos nem sempre as consideramos merecedoras de uma pesquisa ou trato pedagógico.

Dessa forma, um dos caminhos para a ampliação do estudo da questão racial no campo da educação, na tentativa de compreender a sua relação com o universo simbólico, pode ser a construção de um olhar mais alargado sobre a educação como processo de humanização, que inclua e incorpore os processos educativos não-escolares. Poderemos, então, captar as impressões, representações e opiniões dos sujeitos negros sobre a escola, elegendo, com base nesses dados, temáticas que nem sempre são destacadas em nosso campo de atuação e que mereceriam um estudo mais profundo. (GOMES, 2002, p. 40).

Através de um olhar atento sobre o corpo discente da escola Monsenhor José Gerardo, notamos que eles apresentam uma estética que valoriza e reafirma seus fenótipos negros, se apresentando de forma empoderada mesmo que sem perceber a dimensão política deste ato. Pois como afirma o antropólogo e professor-titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Kabengele Munanga:

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico [...]. (MUNANGA, 2004, p. 52)

Percebemos assim a necessidade de refletir com os alunos que em nosso país, o racismo não atua somente de forma escancarada. Que o preconceito racial vai muito além de agressões físicas ou verbais escancaradas. Através da oficina pretendemos discutir as formas de racismo velado que se fazem presentes no Brasil, e que tem como um de seus tentáculos o rebaixamento da negritude no imaginário social, e que essa desvalorização contribuiu para a dominação do povo branco e para o racismo desde o período escravocrata brasileiro, infelizmente ainda podemos encontrar fortes traços deste racismo na atualidade de nosso país. Esse rebaixamento tem forte carga estética. Na inferiorização da ancestralidade, cultura e ridicularização dos atributos fenótipos do povo negro.

Buscaremos assim, mostrar como este “racismo à brasileira” como nos fala Martiniano J. Silva (1995) que ocorre de forma sutil e velada e que se manifesta no menosprezo e na inferiorização dos símbolos e elementos da cultura negra por parte de uma cultura dominante, mas que ao mesmo consome estes elementos esvaziando-os de seus reais significados, como cita também Sylvia da Silveira Nunes (2006) . E buscaremos mostrar como esse racismo velado ocorre através também das campanhas publicitárias que usam imagens de pessoas negras para reafirmar estereótipos ou mesmo de forma a inferiorizar aspectos estéticos e culturais destes povos, acreditando, embasados pelos autores, que a escola deve ser um espaço para trazer essas discussões.

Assim, podemos perceber que a Residência Pedagógica, tendo como filosofia o anseio de uma educação de qualidade e para todos, é um exemplo singular de uma iniciativa real nas escolas brasileiras em prol do desenvolvimento da educação, do ensino e aprendizado nas escolas públicas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atividades diferentes, inovadoras e dinâmicas é o que propocionamos aos docentes das escolas onde desenvolvemos atividades no Programa de Residencia Pedagogica no subprojeto de História. Com o intuito de agusar o pensamento critico dos docentes a respeito de fatos e acontecimentos existentes no contexto histórico brasileira, trabalhando diferentes aspectos sociais e culturais com a finalidade de obsevar como esses individuos captam tais conhecimentos e transmitem atraves da leitura e da escrita.

No programa de residência pedagógica nos desafiamos diariamente a sermos indivíduos melhores e docentes capacitados de transmitir e adquirir novos saberes. Encarar de frente o desafio de transmitir novos conhecimentos para alunos do ensino médio, na escola Monsenhor José Gerardo, com suas diversidades e particularidades nos tornou professores por alguns momentos, experiência essa, concretizada nas oficinas realizadas no decorrer desse período na Residência Pedagógica, no qual tivemos este contato maior com os estudantes, proporcionando um momento único como residentes e em nossas vidas acadêmicas.

Através da oficina proposta – Estética negra: Uma história de resistência – refletimos com os alunos sobre as formas com que o racismo pode atuar no Brasil. Ao analisarmos os *fanzines* produzidos por eles ao final da atividade ficou nítido o quanto estas questões afetam seu cotidiano e a carga de compreensão que tem quanto ao assunto. Percebemos assim a união do conhecimento histórico acerca de negritude e questões raciais, à realidade dos alunos. Os

*fanzines* também colaboraram para a avaliação quanto ao nível de escrita dos alunos, servindo aos objetivos aos quais estamos na Escola como residentes, em vista que investigamos as formas de leitura histórica e crítica da palavra, contribuindo com atividades como esta para o desenvolvimento destas competências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, durante o desenvolvimento dessa atividade na escola, que compreende o planejamento da mesma e o desenrolar do trabalho, obtivemos diversos novos saberes, que nos proporcionaram em alguns momentos a experiência de docentes em sala de aula, sujeitos capazes de conduzir uma sala de aula e transmitir novos conhecimentos. O Programa de Residência Pedagógica nos proporciona desempenhar tal função, ainda na graduação, como estagiários, aprendizes do ofício de ser professor, de estar em sala de aula e atuar diretamente com a educação, ensino e aprendizagem.

Podemos concluir também a importância de se trabalhar tal tema nas escolas pelo Brasil, pois ainda existem muitas pessoas que propagam o preconceito e a discriminação por onde passam, carregando um pensamento retrogrado e infeliz de racismo pelo território brasileiro.

É necessário, por tanto, que existam cada vez mais iniciativas como as propostas pelo Programa de Residência Pedagógica nas escolas e comunidades, ressaltando a importância da valorização dos traços e fenótipos afro-brasileiros existentes nos indivíduos, pois tais traços fazem parte de nossas raízes e da história do povo brasileiro.

## REFERÊNCIAS

DOURADO, Luiz Fernandes. OLIVEIRA, João Ferreira. **A qualidade da Educação: Perspectivas e desafios**. Campinas: Cad. Cedes, vol. 29, n. 78, pp. 201-215, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.21, pp. 40-51.

MUNANGA, K. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 51-66, 1 abr. 2004.

NUNES, S. **Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita**. *Psicologia USP*, v. 17, n. 1, p. 89-98, 1 mar. 2006.

SANTOS, Ana Katia Alves dos (Org.). **Alfabetização para a infância:** Perspectivas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2010. 144 p. - (coleção PIBID Pedagogia - UFBA; v.1)

SILVA, M. J. (1915). **Racismo à Brasileira:** Raízes históricas. São Paulo, Editora Anita Garibaldi, 3a edição.